

2. A Teologia de Karl Barth: Antecedentes

Karl Barth (KB) é um dos mais densos teólogos da história da Igreja cristã. É o mais rico e produtivo teólogo reformado desde Lutero, Calvino e Schleiermacher. Sua teologia tem sido alvo de debates a partir de diferentes posições teológicas, seja de linha mais fundamentalista seja liberal.¹ KB é considerado conservador na Europa e liberal nos Estados Unidos e nos países onde o imperialismo norte-americano exerce poder e influência.

Ainda que formado sob a influência dos mais renomados teólogos do liberalismo europeu, entrou em crise quando seus antigos professores traíram sua confiança ao aprovar a política beligerante do Kaiser Guilherme II, que fez a Alemanha entrar em guerra em 1914.

Por que Karl Barth? Porque ele produziu uma nova reforma, só que na teologia. Todas as consequências produzidas pela Reforma Religiosa do século XVI² foram paulatinamente sendo superadas e esquecidas pelos seus herdeiros. O que os reformadores evidenciaram foi a necessidade de se promover um retorno às Escrituras. O princípio de *sola scriptura* foi a mola mestra da teologia reformada ao lado da *sola fidei* e *sola gratia*. Lutero e os reformadores firmaram o princípio hermenêutico da Escritura como única regra de fé e prática. Para entender o desenvolvimento da teologia de Karl Barth é preciso se reportar às conquistas iniciadas no século XVI e suas posteriores modificações nos séculos subsequentes.

¹ Por “Liberal” entende-se o ramo da teologia protestante que se produziu sob o impacto do Iluminismo, com seu princípio de autonomia da razão e o criticismo literário radical que conduziu o estudo das Escrituras até as últimas consequências. Esse radicalismo literário conduziu a uma nova hermenêutica: o método histórico-crítico. VOLKMANN, M. et al. *Método Histórico-Crítico*. Rio de Janeiro: Cedi, 1992.

² Será usado o termo Reforma com ‘R’ maiúsculo para tratar a Reforma do século XVI. Em inglês e alemão o termo é “*Reformation*”, específico para a causa de Lutero. A palavra “*reform*” nas duas línguas citadas tem o sentido de “reforma”, “mudança”, de forma usual e comum. A distinção em português da letra maiúscula deve-se a não distinção dos termos para o tipo de reforma produzida por Lutero e Calvino.

Barth faz parte daquele grupo de teólogos que não se pode compreender isoladamente. Sua influência se estende a vários segmentos da teologia entre as grandes guerras e depois, no pós-guerra. Ao lado de outros grandes teólogos do século XX, buscou compreender a importância da teologia para a Igreja. Numa conferência em 1934 afirma que é preciso ter consciência de que a Revelação é ato de Deus para a Igreja. Cabe à teologia o papel de vigiar para que a Igreja nunca se esqueça dessa verdade³. Sua função é constantemente lembrar que o trabalho do teólogo, ou seja, da própria Igreja, é manter-se sempre atenta a esta revelação.⁴

2.1. A Teologia da Reforma

A palavra “protestante” pode parecer ofensiva e até negativa aos ouvidos politicamente conservadores. Seu uso original foi porém, positivo. Um manifesto foi apresentado na Segunda Dieta de Spira (1529) afirmando que ela não podia eliminar a liberdade concedida aos luteranos e zuínglios na Primeira Dieta de Spira (1526).⁵ O conteúdo do protesto declarava:

Os ministros deverão pregar o Santo Evangelho de acordo com a interpretação dos escritos aceitos pela Santa Igreja Cristã. Isto levanta a questão: qual é a verdadeira e Santa Igreja? Existe grande diversidade de opiniões a respeito do assunto. Nós afirmamos que não existe pregação ou doutrina certa a não ser a que esteja de acordo com a Palavra de Deus. Segundo a ordenação de Deus, nenhuma outra doutrina deve ser pregada. Cada texto da santa e divina Escritura deve ser elucidado e exposto à luz de outros textos. Este livro santo é necessário em todas as coisas para os cristãos. Ele brilha claramente por sua própria luz e ilumina as trevas. Nós estamos determinados, com a graça e auxílio de Deus, a permanecer somente com a Palavra de Deus, o santo Evangelho, contido nos

³ *Offenbarung, Kirche und Theologie*. Theologische Existenz Heute. (Revelação, Igreja e Teologia. Existência Teológica Hoje) München: Christian Kaiser Verlag. 9:15-43, 1934. Há uma tradução para o português em ALTMANN, W. (Org.). Karl Barth: *Dádiva e Louvor*; Artigos Selecionados. Tradução de Walter O. Schlupp et al. São Leopoldo: Sinodal, 1986. p. 181-199.

⁴ KB afirma que não existe não-teólogos na Igreja. Todos são co-responsáveis pela riqueza da reflexão mas também por sua compreensão. Daí sua dogmática chamar-se *Dogmática da Igreja – Kirchliche Dogmatik* (KD) e não Dogmática Cristã – *Christliche Dogmatik*, título de 1927. Esta obra representa de fato, uma espécie de ensaio daquela que seria sua grande obra iniciada a partir de 1932. Para firmar sua opinião que todos são teólogos, inicia assim sua obra: “Dogmatics is a theological discipline. But theology is a function of the church. The church confess God, by the fact that she speaks of God. She does so first of all through her existence in the action of each individual believer.” BARTH, Karl. *CD.*, I/1. p. 1.

⁵ LEITH, John H. *A Tradição Reformada: uma maneira de ser a comunidade cristã*. Tradução de Eduardo Galasso Faria e Gerson Correia de Lacerda. São Paulo: Associação Evangélica Literária Pendão Real, 1996. p. 35.

livros bíblicos do Antigo e Novo Testamento. Somente esta palavra deve ser proclamada e nada que lhe seja contrário (deve permanecer). Ela somente é verdade, a regra segura de toda doutrina e conduta cristã. Nunca falha nem decepçiona. Aqueles que edificam e se firmam sobre este fundamento permanecerão firmes contra as portas do inferno. Todos os acréscimos e vaidades meramente humanos em oposição a ele deverão cair diante da presença de Deus.⁶

A Reforma começou com declarações solenes. O que os reformadores buscavam e exprimiam era uma inquietude, um desejo de obediência, uma necessidade de ser autêntico e a vontade que decorre daí de não se deixar aprisionar por tradições que, conquanto valiosas e respeitáveis, não podem oferecer garantia absoluta de sua concordância com a mensagem do Deus vivo.⁷

2.1.1. Martinho Lutero

O originador do protesto reformador foi o monge agostiniano Martinho Lutero (1483-1546), nascido em Eisleben, Alemanha. Destinado ao estudo do direito voltou-se para o mosteiro onde se debateu em intensa crise pessoal a partir da qual desenvolveu uma nova compreensão de Deus, da fé e da Igreja.⁸ Ele não tentou fundar uma nova Igreja, pois sempre se viu como um fiel servo. Daí seu desgosto pelo fato de os primeiros protestantes, na Inglaterra e França, assim como na Alemanha, terem sido chamados de “luteranos” “A primeira coisa que peço é que as pessoas não façam uso do meu nome e não se chamem luteranas, mas cristãs. Que é Lutero? O ensino não é meu. Nem fui crucificado por ninguém. [...] como eu, miserável saco fétido de larvas que sou, cheguei ao ponto em que as pessoas chamam os filhos de Cristo por meu perverso nome?”.⁹

Lutero recebeu o grau de doutor em teologia em 1512 e foi indicado *leitura in Bíblia* na Universidade de Wittenberg sucedendo Johann Von Staupitz, agostiniano, seu mentor e confessor.¹⁰

⁶ Id. Ibid.

⁷ Cf. SENARCLENS, J. de. *Herdeiros da Reforma*. Tradução de Aharon Sapsejian. São Paulo: Aste, 1970. p. 14.

⁸ Lutero compara-se em produção acadêmica à estatura de Agostinho e Tomás de Aquino. Juntam-se a ele Calvino e KB. Suas obras estão sendo traduzidas para o português pelas editoras, Sinodal e Concórdia. O volume 1 foi publicado em 1987 e está atualmente no volume 11 (2011). Cf. Martinho Lutero. *Obras selecionadas*. Na língua alemã chega a 95 volumes.

⁹ Ap. GEORGE, Timothy. *Teologia dos Reformadores*. Tradução de Gérson Dudus e Valéria Fontana. São Paulo: Vida Nova, 1994. p. 55.

¹⁰ Id. Ibid. p. 56.

Como professor da Igreja dedicou-se a ouvir a Palavra de Deus e a meditar profundamente sobre as Escrituras. Muito da teologia de Lutero em particular e dos reformadores, de modo geral, vai estar presente em Barth. A tese defendida por KB é que somos conhecidos de Deus em vez de O conhecermos. “Devemos deixar que Deus opere em nós. Ele dá a Palavra.”¹¹ Deus se oculta e se revela – é o Deus *crucifixus* e *absconditus* – segundo a idéia de Paulo em Primeira Coríntios (1,18) onde o apóstolo firma seu discurso sobre o Cristo crucificado e a oculta sabedoria de Deus.¹²

Lutero se tornou teólogo biblista não somente porque ensinava Antigo Testamento em Wittenberg, mas porque seu método de ensinar era uma ruptura com o currículo padrão da teologia escolástica. Pretendia restaurar o estudo da Bíblia e dos Pais da Igreja em toda a sua plenitude. Mantinha-se em diálogo com toda a tradição da Igreja. Conhecia a fundo os autores patrísticos e medievais. Estudou Anselmo, Guilherme de Occam, Pedro Lombardo, Pedro D’Alli e Gabriel Biel.¹³ Ainda que tenha sido um pensador prático, Lutero foi embebido permanentemente pela influência desses escolásticos. No entanto, acusava o escolasticismo como causador da desorientação da Igreja. Culpava Aquino por essa devastação, por ter submetido a fé cristã ao aristotelismo.¹⁴

A novidade em Lutero é o resgate do valor das Escrituras para a percepção de Deus. Somente por meio dela se é capaz de compreender o significado da palavra “Evangelho”. É um princípio hermenêutico para compreensão da Revelação. Os termos *lex et evangelium* (Lei e Evangelho) aliados ao contraste entre *littera et spiritus* (Letra e Espírito) e o princípio cristológico *was christum Treibet* (O que manifesta Cristo) formam a essência da hermenêutica luterana.¹⁵

¹¹ Id. Ibid. p. 58.

¹² EBELING, Gerhard. *O Pensamento de Lutero: uma introdução*. Tradução de Helberto Michel. Sinodal: São Leopoldo, 1988. p. 180-181. A versão bíblica adotada será *A BÍBLIA DE JERUSALÉM*, (BJ) São Paulo: Edições Paulinas, 1986, salvo quando se indicar a necessidade de outra tradução.

¹³ Cf. SEEBERG, Reinhold. *Manual de las Historias de las Doctrinas*. Tradução de José Miguez Bonino. Buenos Aires: Casa Bautista de Publicaciones, 1967. v. 2. p. 223.

¹⁴ Id. Ibid.

¹⁵ HASEL, Gerhard F. *Teologia do Novo Testamento: Questões Fundamentais no Debate Atual*. Tradução de Jussara Marindir Pinto Simões Arias. Rio de Janeiro: Juerp, 1988. p. 14. Lutero visualizou já na história da Promissão do Antigo Testamento o “evangelho”. Aquilo que manifesta Cristo foi, para ele, a justiça de Deus que justifica o pecador e a fé justificadora correspondente.

2.1.2. João Calvino

Em 1921, quando Barth deixou o pastorado na pequena comunidade de Safenwill, Suíça, para tornar-se professor de teologia reformada na Universidade de Gottingen, não sabia muito bem como iria enfrentar essa situação. Precisava se preparar para falar dos reformadores. Em 1922 escreveu a seu amigo Eduard Thurneysen,

Calvino é uma catarata, uma floresta primitiva, um poder demoníaco, algo vindo diretamente do Himalaia, absolutamente chinês, estranho, mitológico; perco completamente o meio, as ventosas, mesmo para assimilar esse fenômeno, sem falar para apresentá-lo satisfatoriamente. O que recebo é apenas um pequeno e tênue jorro e o que posso dar em retorno, então, é apenas uma porção ainda menor desse pequeno jorro. Eu poderia feliz e proveitosamente assentar-me e passar o resto de minha vida somente com Calvino.¹⁶

Calvino (1509-1564) foi sua grande paixão por toda a vida. Lia-o durante muitas horas e mesmo assim dizia não estar preparado para falar sobre sua teologia. Essa seriedade o conduziu a um aprofundamento sistemático na obra de Calvino. Isto proporcionou um renascimento dos estudos sobre o teólogo de Genebra. Deve-se a Barth a avaliação da pertinência de Calvino para nossos dias.¹⁷

Calvino e Lutero nunca se encontraram pessoalmente. Quando Calvino nasceu uma geração já se passara desde que Lutero começara a dar aulas em Erfurt e Zuinglio (1484-1531) já exercia suas tarefas pastorais em Glarus.¹⁸ Calvino foi um mestre da língua latina, mas foi também o primeiro grande teólogo a escrever em francês. Estava convencido de que era preciso deixar a linguagem dos escolásticos para melhor aproximação com as pessoas comuns. Como teólogo sistemático coube a ele organizar as conquistas da Reforma. Lutero e Zuinglio modificaram radicalmente a antiga religião, mas era preciso uma mente vigorosa,

¹⁶ BARTH, Karl e THURNEYSEN, Eduard. *Revolutionary Theology in the Making: correspondence 1914-1925*. Translated by James D. Smart. Richmond: John Knox Press, 1964. (Carta de 8/6/1922). p. 101.

¹⁷ GEORGE, Timothy. *op. cit.* p. 165.

¹⁸ Id. *Ibid.*

organizada e lógica para dar sentido a todo emaranhado de doutrinas que iam sendo lentamente estabelecidas após o calor das controvérsias religiosas.¹⁹

Estudou teologia e depois direito. Seu aprofundamento jurídico e clássico lhe deixou na mente uma impressão clara. Aprendeu a pensar com clareza e organizar seu vasto saber. Um dia sentiu-se tocado por Deus e escreveu: “Deus sujeitou-me o coração à docilidade através de uma conversão repentina.” A partir daí seu interesse foi desviado dos clássicos e das Leis e se estabeleceu nos Pais da Igreja e nas Escrituras. Mas não chegou a essas influências sem antes passar pelos sermões de Lutero e o Novo Testamento de Erasmo (1469-1536).²⁰ Ao ler o Novo Testamento Grego percebeu até que ponto a doutrina da Igreja tinha se afastado da narrativa bíblica. Era preciso retornar às Escrituras e para isso seria necessário um estudo acurado do texto inspirado. Concomitantemente, seus estudos de Lutero confirmavam a suspeita que germinava em sua mente: que o ser humano, sob o peso do pecado, só pode ser salvo pela fé absoluta e sem restrições na misericórdia divina.²¹

A tese calvinista da separação entre Igreja e Estado foi apenas teórica. A Igreja devia cuidar das questões da alma – o homem interior – enquanto os magistrados deviam cuidar da paz civil e da moralidade. O Estado não intervém; apenas colabora no que puder para ajudá-la, ao mesmo tempo que a Igreja não deve intervir com os negócios do Estado.²²

Na prática, Genebra tornou-se uma teocracia tendo Calvino como o profeta do Senhor. A cidade foi palco de uma grande experiência social, política e

¹⁹ GREEN, V. H. H. *Renascimento e Reforma*. Tradução de Cardigos dos Reis. Lisboa: Publicações Dom Quixote. 1984. p. 187. Há farta bibliografia que aborda a influência de Calvino na área social: TREVOR-ROPER, H. R. *Religião, Reforma e Transformação Social*. Tradução de Maria do Carmo Cary. Lisboa: Editorial Presença, 1981; BIÉLER, André. *O Pensamento Econômico e Social de Calvino*. Tradução de Waldyr de Carvalho Luz. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1990; REID, W. Stanford, (Ed.). *Calvino e sua Influência no Mundo Ocidental*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1990.

²⁰ Desidério Erasmo, publicou uma edição do Novo Testamento Grego em 1516. Mais tarde preparou outras quatro edições. Cf. LINS, Ivan. *Erasmo: A Renascença e o Humanismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967; Outras obras em português sobre o assunto. Cf. BITTENCOURT, B.P. *O Novo Testamento: Canon, Língua e Texto*. 2. ed. Rio de Janeiro: Juerp; São Paulo: Aste, 1984. p. 173; PAROSCHI, Wilson. *Crítica Textual do Novo Testamento*. São Paulo: Edições Vida Nova, 1993. p.108-110.

²¹ Paul Tillich alerta para o perigo de se transformar a fé no poder justificador. A fé não é jamais a causa; apenas o canal. O poder justificador é a graça divina. O princípio material da Reforma é a doutrina da justificação pela fé; ou seja, pela graça por meio da fé. O princípio formal é a Escritura. TILLICH, P. *Perspectivas da Teologia Protestante nos séculos XIX e XX*. Tradução de Jaci Maraschin. São Paulo: Aste, 1986. p. 37-38.

²² GREEN, V. H.H. *op. cit.* p. 191.

religiosa. Calvino mostrou-se implacável com aqueles que enfrentavam suas ideias. Houve quem fosse preso por criticar a interpretação bíblica de Calvino.²³

O calvinismo se espalhou rapidamente por toda a Europa. Movimentos protestantes se espalharam a partir de Genebra, Holanda, Alemanha, Inglaterra e depois para as colônias daqueles que emigraram para a América do Norte no século XVII.²⁴ Por meio do trabalho missionário – protestantismo de Missão – e do estabelecimento de colônias protestantes nos trópicos – protestantismo de imigração – a influência da doutrina protestante chegou também até a América do Sul.²⁵ No século XVII a expansão protestante chegou ao nordeste do Brasil com os holandeses que implantaram uma colônia em Pernambuco muito mais bem sucedida que a do Rio de Janeiro, pois durou de 1630 a 1654, quando desapareceu, pois os colonizadores foram expulsos pelos portugueses.²⁶

Embora Lutero tenha sido um autor tão abundante quanto Calvino, coube a este a organização das doutrinas. Sua *opus magnum* data de 1559 e é a mais influente declaração da teologia reformada em particular e da teologia protestante em geral.²⁷

²³ Castellio, filólogo, mestre-escola em Genebra, teve que se demitir porque classificou o Cântico dos Cânticos como um poema de amor e criticou a interpretação de Calvino do Credo dos Apóstolos; Bolsec duvidou da doutrina da predestinação. O caso mais gritante foi o de Miguel de Servet. Este, médico espanhol, formulou doutrinas heréticas sobre a Trindade. Foi condenado e sua sentença executada em 27 de outubro de 1553.

²⁴ Há importantes estudos a esse respeito. Para a França: ZOFF, Otto. *Os Huguenotes*. Tradução de Gastão Pereira da Silva. Rio de Janeiro: Editora Pan Americana, 1942. Para as colônias no Novo Mundo: DUNSTAN, J. Leslie. *Protestantism*. New York: George Braziller, 1962; DILLENBERGER, John; WELCH, Claude. *Protestant Christianity*. New York: Charles Scribner's sons, 1954; HURST, John F. *Short History of the Church in the United States*. New York: Chautauqua Press, 1890.

²⁵ O ideal da França Antártica teve início com a chegada dos franceses ao Rio de Janeiro liderados por Nicolas Durand de Villegaignon (1510-1571). Este aportou no Rio de Janeiro, mais precisamente em Cabo Frio em 6/11/1555. Chegou ao Rio de Janeiro em 10/3/1557. O primeiro culto calvinista nas Américas foi realizado nesse mesmo dia, no Forte Coligny, na Baía de Guanabara sendo oficiado pelo pastor Pedro Richier. FERNANDES BRAGA, Henriqueta Rosa. *História da Música Sacra Evangélica no Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria Kosmos Editora, 1961. p. 40-41; ANDRADE, Laércio Caldeira de. *A Igreja dos Fiéis*. Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Publicidade Ltda, 1947; RIBEIRO, Domingos. *Origens do Evangelismo Brasileiro*. Rio de Janeiro: Gráfica Apolo, 1937; RIBEIRO, Boanerges. *Protestantismo e Cultura Brasileira. Aspectos Culturais da Implantação do protestantismo no Brasil*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1981; LÉONARD, Émile G. *O Protestantismo no Brasil*. Tradução de Linneu de Camargo Schützer. São Paulo: Aste; Rio de Janeiro: Juerp, 1981; MENDONÇA, Antonio Gouvêa. *O Celeste Porvir: a Inserção do Protestantismo no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 1984; MENDONÇA, Antonio G.; VELASQUES FILHO, Prócoro. *Introdução ao Protestantismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1990.

²⁶ SCHALKWIJK, Frans Leonard. *Igreja e Estado no Brasil Holandês: 1630-1654*. São Paulo: Vida Nova, 1985.

²⁷ Calvino publicou a forma abreviada em março de 1536. Era um catecismo de seis capítulos. Em sua forma final tornou-se um tratado de oitenta capítulos publicado em 1559. A Instituição da

Quando em 31 de outubro de 1517 Lutero afixou suas teses na porta da igreja do castelo de Wittenberg estava, sem ainda perceber, provocando uma ruptura definitiva no cristianismo, estabelecendo novos princípios, reformulando a liturgia, a doutrina e o ideal cristão de uma vida pia diante de Deus. Lutero estabeleceu o princípio de uma nova vida com Deus. O ponto decisivo da Reforma não foi a fixação das teses, mas a experiência de um monge agostiniano em sua cela monástica. Ele não foi um indivíduo que ensinou doutrinas diferentes. Outros já haviam feito isso antes dele. Lutero centralizou o descontentamento com a Igreja como instituição e provocou o regresso a uma religião pessoal.²⁸ A necessidade de uma reforma já havia, mas faltava aquele indivíduo catalisador, que respondesse de forma prática e contundente. Muitos homens piedosos do próprio clero estavam descontentes diante do estado de degradação moral, abusos e corrupção. Isoladamente, homens que hoje são chamados de precursores da Reforma se levantaram em diferentes lugares.²⁹ Talvez ninguém tenha criticado mais a Igreja de seu tempo que Erasmo e, no entanto ele morreu católico. Nenhum dos que protestaram contra o sistema romano havia conseguido romper com ele. Lutero produziu a ruptura. Nesse sentido ele pode ser considerado um profeta, não obstante as suas contradições.³⁰

Porém, coube a Calvino a organização das doutrinas reformadas. Sua tese principal é a doutrina da Majestade de Deus. Foi original ao mostrar que a doutrina de Deus é o elemento fundamental em qualquer teologia.³¹ Conduziu

Religião Cristã – *Institutio Religionis Christianae* - foi publicada em português em 4 volumes. Calvino, João. *As Institutas ou Tratado da Religião Cristã*. Tradução de Waldyr de Carvalho Luz. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1985; recentemente uma outra importante tradução chegou ao público brasileiro: *A Instituição da Religião Cristã*. Tradução de Carlos Eduardo de Oliveira, Elaine C. Sartorelli e Omayr J. de Moraes. São Paulo: UNESP, 2008/2009. 2v.

²⁸ GREEN, VF. H. H. *op. cit.* p. 123.

²⁹ João Huss (1372-1415), João Wycleff (1330-1384), Girolamo Savonarola (1452-1498) são considerados precursores. No entanto, vários acontecimentos tendiam para acirrar a luta entre o catolicismo medieval e a visão renascentista. O longo conflito entre os imperadores germânicos e os papas, os concílios reformadores de Pisa, Constança e Basiléia, os valdenses e os albigenses na França e na Itália; os lollardos na Inglaterra, Arnaldo de Bréscia, na Itália; o pietismo espiritualista e a teologia dos místicos dos séculos XIV e XV; o surgimento de línguas nacionais e o sentimento de nacionalismo; o renascimento das letras clássicas sob a direção de Agrícola, Reuchlin e Erasmo. Todos esses eventos e pessoas foram preparatórios para a Reforma. Cf. OBERMAN, Heiko Augustinus. *Forerunners of the Reformation; the shape of late medieval thought*. New York/Chicago/San Francisco: Holt, Rinehart and Winston, 1966. p. 3-43.

³⁰ Tillich afirma que é preciso separar Lutero do luteranismo. Este pode ser associado à ortodoxia protestante e até a movimentos políticos. Já Lutero pode se dizer que foi o homem que contribuiu para se produzir o luteranismo, como Melancthon contribuiu mais que ele. TILLICH, Paul. *História do Pensamento Cristão*. Tradução de Jaci C. Maraschin. São Paulo: Aste, 1988. p. 209.

³¹ *Ibid.* p. 240.

essa reflexão no sentido de uma relação existencial, ou seja, ensinou a correlação entre miséria humana e majestade divina. Esta só pode ser entendida e percebida a partir daquela. Calvino aplicou a Deus uma palavra que muito mais tarde foi redescoberta por Rudolf Otto (1869-1937) em sua obra *O Sagrado (Das Heilige)*, (1917) – *Numem*, (Numinoso).³² A doutrina barthiana do *Totaliter Aliter* (Totalmente Outro) se deriva, em grande parte, de Calvino. Este afirmava que não se pode falar de Deus diretamente por causa de sua transcendência radical. Daí a necessidade do uso da linguagem simbólica para expressar as verdades divinas. Os símbolos são significações da essência incompreensível de Deus.³³ Devem ser momentâneos, ou seja, prontos a desaparecer porque não são a coisa em si.

Quando o símbolo se perpetua torna-se um ídolo, o que vai de encontro ao propósito do Evangelho.³⁴ Ao falar da glória de Deus³⁵ o faz sempre a ressaltando diante da limitação e da dependência humana. Em carta ao rei Francisco I, em 1536, afirma: “de sorte que nada resta de que nos possamos gloriar diante de Deus, senão de sua misericórdia, mercê da qual, à parte de qualquer mérito nosso, fomos admitidos à esperança eterna da salvação...”³⁶

O que ficou esclarecido em Calvino, no século XVI e em Barth, no século XX, é que a doutrina de Deus não pode ser assunto de contemplação teórica. É necessária a participação existencial. Quando Barth afirma “Deus está no céu e você, na terra,” está também se referindo ao uso que Calvino fez dessa afirmação para explicar que o céu aqui em questão não é o lugar onde Deus se confina, mas expressão de uma transcendência religiosa.

Essa visão leva-o ao receio, extremado talvez, da idolatria. Enquanto o Luteranismo mantém certos elementos simbólicos na liturgia, Calvino lutou contra qualquer coisa que pudesse desviar a mente do devoto piedoso, da transcendência de Deus. É por esta razão que as igrejas calvinistas (reformadas) se

³² OTTO, Rudolf. *O Sagrado*. Tradução de Prócoro Velasques Filho. São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista, 1985. passim.

³³ TILLICH, P. *op. cit.* p. 240.

³⁴ Para um aprofundamento da teoria do símbolo, DURAND, Gilbert. *A Imaginação Simbólica*. Tradução de Eliane Fittipaldi Pereira. São Paulo: Cultrix, 1988; TODOROV, Tzvetan. *Simbolismo e Interpretação*. Tradução de Maria de Santa Cruz. Lisboa: Edições 70, 1980; DELEUZE, Gilles. *Lógica do Sentido*. Tradução de Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva, 1974.

³⁵ Calvino transformou o *solī Deo gloria* em critério interno do dogma e o considera a chave da compreensão religiosa das Escrituras. LARRIDA, Jesus. *Eclesiologia y Antropologia em Calvino*. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1975. p. 27.

³⁶ CALVINO, João. *Op. cit.* p. 16. v. 1.

caracterizam pelos espaços vazios, dado o temor sempre presente da idolatria. Se há uma liturgia esta se chama liturgia da palavra. O *solī Deo gloria* deve ser a tônica da proclamação. O elemento preponderante numa celebração é o *kerigma*, anúncio da majestade e glória de Deus. Nada mais que isso. O centro da celebração não é mais o altar, lugar de sacrifício, mas o púlpito onde se anuncia o Evangelho. KB deixou-se influenciar de tal maneira por essa abordagem calvinista que deu um lugar à pregação antes atribuído apenas à Escritura e a Jesus. A proclamação do Evangelho é também uma forma de revelação.³⁷

2.2. A Época da Ortodoxia

As grandes doutrinas do protestantismo foram estabelecidas no século XVI. Só que a produção intelectual de Lutero e Calvino³⁸ é muito vasta e seu exame demanda um grande esforço por parte daqueles que se arriscam a mergulhar em suas profundezas. Por outro lado, o próprio espírito do protestantismo, sob a influência do Iluminismo³⁹ e seu princípio de autonomia da razão, prejudica a busca pela sistematização das doutrinas básicas da fé protestante.⁴⁰

Existem dois sentidos para o termo “ortodoxia”. As igrejas orientais, que se chamam Ortodoxas,⁴¹ adotaram esse nome por causa da tradição. Embora tenham naturalmente, formas litúrgicas fixas e declarações doutrinárias, conseguem se manter em boas relações com organismos como o Conselho Mundial de

³⁷ BARTH, Karl. *A Proclamação do Evangelho*. Tradução de Daniel Sotelo e Daniel Costa. São Paulo: Novo Século, 2000. p. 15-16.

³⁸ Para não citar outros importantes reformadores como Zuinglio, Zinzerdorf e mesmo Melanchthon, que foi quem não apenas sistematizou o pensamento de Lutero como também quem primeiro falou sobre a doutrina da justificação pela fé. Cf. MELANCHTHON, Felipe. *La Justificación por la fé*. Tradução de M. Gutierrez Marin. Buenos Aires: La Aurora, 1943.

³⁹ Adiante será abordada a questão do Iluminismo e sua influência sobre a teologia protestante.

⁴⁰ Tillich distingue a fé católica – *fides implicita* – como uma fé indireta. O leigo crê no que a Igreja ensina. Somente os ministros precisam conhecer as doutrinas específicas. A fé protestante – *fides explicita* – é objetiva. O crente lê o texto sagrado e guiado pelo Espírito Santo torna-se conhecedor da vontade de Deus. TILLICH, P. *História do Pensamento Cristão*. op. cit. p. 256.

⁴¹ E.g. a Grega, a Russa. A Igreja Oriental considera a Igreja Ocidental heterodoxa por esta incluir a cláusula *filioque* no seu credo. O termo significa “e do Filho” e refere-se à frase, na versão ocidental do Credo de Nicéia, que diz que o Espírito Santo procede do Pai e do Filho. Esta expressão não constava originalmente de Nicéia (325) nem Constantinopla (381). Parece ter sido usada a partir de um concílio local em Toledo (589). Foi endossada oficialmente no ocidente em 1017 e foi a principal questão doutrinária para o Cisma de 1054. Cf. BROMILEY, G. W. *Filioque*. Em: ERWELL, Walter. (Ed.). *Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã*. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 1990. p. 172. v. 2.

Igrejas, CMI.⁴² Na ortodoxia protestante o termo refere-se ao que se chamou, na época, de escolástica da história protestante.

Os fundamentos do escolasticismo protestante foram assentados por Felipe Melanchthon (1497-1560). Pode-se dizer que, no campo do luteranismo, coube a ele essa tarefa, enquanto no campo reformado, a Calvino.⁴³ Melanchthon, nascido na Alemanha, foi educado em Heidelberg e Tübingen. Aos 21 anos de idade tornou-se professor de grego da Universidade de Heidelberg. Foi um gênio precoce.⁴⁴ Foi um grande pensador com preocupações não apenas filosófica e literária, mas também ética. Achava que o saber era vão se não imprimisse caráter e estatura moral no indivíduo. Por isso foi um grande educador e trouxe vasta contribuição à área educacional na Alemanha.⁴⁵ Contribuiu também para a visão da Igreja como escola para ensino da doutrina cristã. A razão e a Revelação são as duas fontes para o conhecimento da verdade religiosa. Seu trabalho exaustivo foi fundamental no surgimento do que passou a ser chamado de neoescolástica protestante.⁴⁶

Quando as igrejas se estabeleceram formalmente, foi necessário que o trabalho de sistematização das doutrinas fosse assumido pela segunda geração de teólogos reformados. A parte final do século XVI e grande parte do XVII foram constituídas por essa tarefa colossal de estabelecer os princípios reformados. A tese que se levantou na época foi a seguinte: se o grande propósito da Reforma foi restaurar doutrinas, recuperar o Evangelho como fonte mediadora, então se tornava importante conservar essas doutrinas em sua pureza. Pelo menos era assim que se via. Evitar a supremacia do erro foi a meta do protestantismo.

⁴² O CMI foi organizado em 1948 em Amsterdã, Holanda. Barth esteve presente a este evento. Abriga as mais diferentes tradições cristãs, com exceção da Igreja Católica Romana. Tem sua sede em Genebra, Suíça. Realizou em fevereiro de 2006 sua 9ª Assembléia Mundial, em Porto Alegre, Brasil, sendo a primeira na América Latina.

⁴³ Na Europa se faz nitidamente a distinção entre protestantismo luterano e calvinista. Este é chamado de Reformado. Daí que o nome Igreja Reformada significa a Igreja que segue a doutrina calvinista em sua forma de ser protestante.

⁴⁴ McGIFFERT, A. C. *Protestant Thought Before Kant*. New York: Harper & Brothers, 1962. p.71-80.

⁴⁵ Não cabe no escopo desse trabalho entrar no mérito da contribuição educacional de Melanchthon. Basta dizer que, em 1528, seus “artigos de Visitação” para as escolas foram promulgados como lei na Saxônia e ele foi reconhecido como educador público. Foi procurado por cerca de 56 cidades para reformulação do ensino de suas escolas. Ajudou a reformar oito universidades e a fundar outras quatro. SCHNUCKER, R. V. *Melanchthon*. Em: ERWELL, Walter A. (Ed). *op. cit.* v. 2., p.494-495.

⁴⁶ McGIFFERT, A C. *op. cit.* p. 141.

Por outro lado, a necessidade de sistematização devia-se também a divergências que sempre existiram entre os reformadores. Pouco antes da morte de Lutero, haviam aparecido divergências entre ele e Melanchthon na interpretação da fé tradicional.⁴⁷ Não cabe aqui entrar no mérito das numerosas divergências que se instalaram nos diversos segmentos da Reforma. Pode-se dizer que as igrejas luteranas sofreram mais que as calvinistas diante das controvérsias religiosas. A teologia reformada era baseada sobre um grande princípio de verificação enquanto que o luteranismo tinha objetivo mais prático, com tremendo valor religioso e ético. As igrejas reformadas tinham nas *Institutas* um sistema único de dogmática.

Havia grandes escolásticos no protestantismo. Destaca-se Johann Gerhard (1582-1637) que escreveu uma obra monumental – *Loci Theologici*.⁴⁸ Esse e outros autores discorreram com profundidade sobre problemas teológicos como fizeram os escolásticos medievais. A ortodoxia sempre foi construtiva, procurando retratar, de forma clara e precisa, a doutrina reformada.⁴⁹ Porém, é preciso ressaltar que, o que o protestantismo classifica como período escolástico da teologia reformada, é de uma dimensão muito mais estreita que o escolasticismo medieval. O domínio de pensamento ainda é o de Aristóteles, no entanto, a reflexão não foi conduzida no sentido de aprofundar suas relações com as ciências modernas emergentes. Ou seja, a ortodoxia dedicou-se ao campo da teologia deixando de lado um diálogo fértil com a ciência de modo geral, a filosofia e a política. Por isso, do ponto de vista do alcance intelectual e social, o período da ortodoxia foi estreito e opressivo.

É fato que a teologia foi formulada a partir dos pressupostos da Reforma e elaborada a partir de uma análise exaustiva dessa contribuição. Foi um período em

⁴⁷ Há várias divergências entre Lutero e Melanchthon sendo a principal a rejeição que este fazia do dualismo entre razão e Revelação. Melanchthon via as duas como cooperantes e assim como fontes da teologia. A teologia natural prepara o caminho para a Revelação assim como o estudo das ciências precede o estudo da Bíblia e promove a fé. Ibid. p. 76.

⁴⁸ Obra escrita em nove volumes, de 1610-1622. *Loci* é uma expressão clássica para indicar o “local” ou tópicos no método de teologia escolástica.

⁴⁹ Tillich procura fazer uma distinção muito clara entre a ortodoxia como tradição clássica do protestantismo e o fundamentalismo que medrou nos Estados Unidos desde a segunda metade do século XIX e avançou organizadamente a partir de 1907 com a publicação do texto *The Fundamentals* (Os Fundamentos). Refugiado nos EUA desde o final dos anos de 1930, Tillich conheceu de perto o biblicismo não-acadêmico dos fundamentalistas norte-americanos. Id. *Perspectivas da Teologia Protestante nos séculos XIX e XX. op. cit.* p. 36.

que a disciplina “dogmática” assumiu papel principal no estudo da teologia.⁵⁰ Mas essa dogmática era uma forma estéril de se produzir teologia, sem relações com os diversos campos do saber nem com a teologia prática das comunidades protestantes. Sequer era uma reflexão que conduzia para uma releitura dos textos dos reformadores no sentido de uma aplicação da espiritualidade da Reforma.

No entanto, apesar dessa crítica aos teólogos ortodoxos, não se pode acusá-los de práticas fundamentalistas. Não eram leigos em teologia. Mantinham-se em discussão com todos os séculos do pensamento cristão e conheciam a história da Igreja. Permaneceram na tradição dos reformadores, mas isto não os impediu da crítica e até da refutação dos mesmos. Não é sem razão que Tillich⁵¹ atribui que grande parte da imprecisão que tomou conta da teologia protestante nos séculos seguintes e até os nossos dias, seja fruto da ignorância quanto às definições da ortodoxia. Ou seja, sem as bases das formulações clássicas do período ortodoxo, as teologias das diversas confissões reformadas foram perdendo sua ligação com a Reforma e dependendo cada vez mais da construção elaborada pelas igrejas confessionais.⁵²

A construção da teologia protestante como sistema doutrinal era necessária para o estabelecimento de princípios sólidos para as igrejas reformadas. Os próprios reformadores não se entendiam em muitos pontos de sua teologia. Já mencionamos o problema entre Lutero e Melanchthon na controvérsia sinérgica.⁵³ Surgiram também divergências quanto à presença de Cristo na Santa Ceia. Melanchthon, Calvino e Lutero rejeitaram a concepção da Santa Ceia como um memorial representando a paixão de Cristo, sua vida e morte, conforme apresentada por Zuinglio.⁵⁴ Afirmavam que a presença espiritual sozinha não era suficiente para expressar a natureza da atividade de Cristo e, por outro lado,

⁵⁰ Somente no século XVIII houve uma distinção entre teologia dogmática e teologia bíblica. A dogmática protestante era chamada de “teologia escolástica” e foi muito criticada por suas especulações vazias que tornavam o estudo da teologia uma prática árida e distante da experiência de fé das comunidades evangélicas emergentes. Em 1787 Johann Phillip Gabler (1753-1826) estabeleceu a distinção ao ministrar a aula inaugural na Universidade de Altdorf com o tema “Sobre a Distinção Correta da Teologia Bíblica e Dogmática e a Correta Definição de Suas Metas”. Cf. HASEL, Gerhard F. *op. cit.* p. 20.

⁵¹ TILLICH, P. *Perspectivas...* p. 36.

⁵² Tillich cita o procedimento de Schleiermacher em sua *Christian Faith* que elabora seu pensamento a partir da ortodoxia clássica indo a seguir para a crítica do pietismo à ortodoxia e finalmente à crítica que o Iluminismo fazia de ambas. Um procedimento seguro para a reflexão teológica de caráter científico. Cf. Id. *Perspectivas...* *op. cit.* p. 37.

⁵³ Sinérgismo, cooperação. Lutero não concordava com Melanchthon quanto à necessidade de cooperação entre Razão e Revelação, Deus e o Ser Humano.

⁵⁴ Cf. DILLENBERGER, J. e WELCH, C. *op. cit.* p. 81.

negava o caráter corporal da ressurreição do Senhor. Outra questão que acabaria levando os reformadores à busca de uma ortodoxia foi o problema da atividade do Espírito Santo. Os reformadores concordavam que é Deus quem dá início e sustenta a fé. Mas, que é o ser humano nesse processo? É ativo ou passivo diante da ação do Espírito Santo em sua vida? Os teólogos mais conservadores afirmavam que a presença de Cristo no crente molda o indivíduo. Melancthon afirmava que a pessoa é ativa. Deus e o ser humano são cooperadores, doutrina totalmente rejeitada por Calvino. A reforma calvinista enfatiza a graça livre e soberana, mas também autônoma e irresistível.

2.3.

O Iluminismo e sua Influência na Teologia Reformada

Pode-se pensar no Iluminismo – *Aufklärung* – como um estado de racionalização em que a pessoa humana sai de um estado de imaturidade para chegar à idade madura por meio da razão. Em sua essência, o Iluminismo representa o livre uso da razão. Nesse sentido o ser humano, deslumbrado com sua própria capacidade de resolver as questões mais intrincadas, descobre-se senhor do mundo. A razão torna-se autônoma, livre de todas as amarras que a impediam de refletir livremente sobre a vida e suas questões essenciais.

As raízes do Iluminismo remontam ao humanismo da renascença, ao socinianismo e ao deísmo da Inglaterra do século XVII.⁵⁵ Mas a base para esse tipo de leitura encontra-se em toda mudança acontecida no século XVII com René Descartes (1596-1650). Coube a ele mudar a forma de pensar no ocidente. Tendo

⁵⁵ O termo “Renascimento” não foi usado para designar o movimento antes de 1835. Foi usado para justificar o ressurgimento do saber antigo e provocou uma mudança de atitude da pessoa com o problema da existência humana. O movimento começou na Itália e se espalhou por toda a Europa. O socinianismo foi um movimento antitrinitário fundado por Fausto Socino (1539-1604) que acreditava que a Escritura só podia ser interpretada racionalmente. A partir dessa estrutura filosófica negava a divindade de Cristo, que só tinha a natureza humana e só se tornou Deus depois da ressurreição. O deísmo descreve um ponto de vista religioso pouco ortodoxo. O termo é usado para definir um ponto de vista que ilustra a relação entre Deus e o mundo. De modo simplificado seria dizer que Deus fez o mundo e o entregou a sua própria sorte. Os deístas ingleses tinham uma doutrina definida em cinco pontos básicos: crença num ser supremo, obrigação de adoração, obrigação de conduta ética, necessidade de arrependimento pelos pecados e recompensas e castigos divinos nesta vida e na vindoura. No entanto, a função de Deus na criação é ser a primeira causa. Cf. GREEN, V.H.H. *op. cit.* p. 33; *Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã. op. cit.* p. 402. WALKER, W. *História da Igreja Cristã*. Tradução de Paulo Siepierski. 3. ed. São Paulo: Aste, 2006. p. 630-632. DELUMEAU, Jean. *La Civilization de la Renaissance*. Paris: Arthaud, 1984.

estudado nas melhores escolas da França, sentia-se decepcionado apesar de reconhecer o valor intelectual do ensinamento que recebera. Por isso, após os estudos realizados em La Fleche e em Poitiers, resolveu procurar a ciência que poderia encontrar em si mesmo ou no grande livro do mundo. Seu programa, apresentado no Discurso do Método,⁵⁶ aponta quatro passos para a resolução dos problemas racionais, 1) jamais aceitar como verdade alguma coisa que eu não conhecesse a evidência como tal; 2) dividir cada dificuldade a ser examinada em tantas partes quanto possíveis e necessárias para resolvê-las; 3) pôr em ordem os pensamentos, partindo sempre dos mais fáceis para os mais complexos; 4) fazer enumerações e revisões extras, sem esquecer nada. Descartes influenciou toda forma de pensar no ocidente e atribui-se a ele o surgimento do pensamento moderno e o fim da Idade Média na ciência.⁵⁷

Do ponto de vista social o Iluminismo foi uma revolução burguesa. O que houve foi um grande questionamento da autoridade civil, das leis e dos costumes. Do ponto de vista religioso foi a revolução das potencialidades autônomas do ser humano contra os poderes abusivos dos sistemas eclesiásticos autoritários.⁵⁸ Pode-se dizer que o Iluminismo é um princípio que se estabelece como forma de questionamento do que se tinha, até então, como verdadeiro e irrefutável.

Imanuel Kant (1724-1804) afirmou que o Iluminismo é a libertação do ser humano de suas tutelas. Estas provêm da incapacidade do indivíduo de usar o próprio entendimento sem a orientação de outros. A tutela não significa falta de razão, mas falta de resolução e coragem para usar a razão sem o apoio de terceiros.⁵⁹ Isto gera uma espécie de revolta⁶⁰ metafísica que conduz a pessoa a

⁵⁶ O título em português varia de edição para edição. Alguns títulos aparecem com “Discurso Sobre o Método” (Editora Hemus, 1986?) ou Discurso do Método (Os Pensadores, 4. ed, 1987). O título em francês é: *Discours de la Méthode de Bien Conduire la Raison et Chercher la Verité dans les Sciences*.

⁵⁷ Cf. DESCARTES, R. *O Discurso Sobre o Método*. Tradução de Márcio Pugliesi e Norberto de Paula Lima. São Paulo: Hemus, [s.d], p. 40.

⁵⁸ Estes abusos já haviam sido denunciados por Baruch de Espinosa (1632-1677) em seu Tratado Teológico-Político. Sua filosofia é uma crítica ao que ele chama de sistema de superstição, seja ela religiosa, política ou filosófica. Nascida do medo e da esperança, a superstição faz surgir uma religião onde Deus é um ser colérico ao qual se deve prestar culto para que sua cólera seja aplacada. Esse sistema cria uma casta de indivíduos que se dizem intérpretes da vontade de Deus, capazes de officiar cultos, profetizar eventos e invocar milagres. Cf. *Tratado Teológico-Político*. Tradução de Diogo Pires Aurélio. São Paulo: Martins Fontes, 2003; Há também um magnífico texto, de mil e duzentas páginas, onde a autora, Marilena Chauí, examina de forma exaustiva, o desenvolvimento e a crítica ao sistema espinozista. CHAUI, Marilena de Souza. *A Nervura do Real: Imanência e Liberdade em Espinosa*. São Paulo: Companhia Das Letras, 1999.

⁵⁹ Tillich destaca que o ser humano padece desde a antiguidade da necessidade de afirmação. Isto gera ansiedade. No final da civilização antiga havia a ansiedade ôntica, a necessidade de afirmação

dizer a si mesmo: Tenha coragem de usar a própria razão! Esse é o lema do Iluminismo.

Seus anos de preparação em diversas faculdades de teologia na Alemanha contribuíram para que fosse forjado em seu espírito o respeito pela herança cultural do Iluminismo ainda que tenha rejeitado suas conclusões por razões éticas. Sua cultura teológica e filosófica tinha sido construída em diferentes centros de estudos. O que viria agora tinha muito mais a ver com sua própria capacidade de assimilação e de entendimento da realidade. Ainda não era um teólogo. Era um estudante que diante dos desafios de uma segunda experiência pastoral buscava compreender a realidade de forma prática. Agora iria se nutrir muito mais das ciências sociais na explicitação do cotidiano de sua paróquia do que das pesquisas de caráter teológico. O capítulo seguinte pretende mostrar que em sua teologia a orto-práxis prevalece sobre a ortodoxia.

como ser. No final da Idade Média havia a ansiedade moral e, em certo sentido isto ocasionou a Reforma. No nosso tempo predomina a ansiedade espiritual. Cf. TILLICH, P. *A Coragem de Ser*. Tradução de Eglê Malheiros. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976. p. 44.

⁶⁰ Sobre a rebelião Albert Camus (1913-1960) faz a seguinte pergunta: “Que é um homem revoltado? Um homem que diz ‘não’. Mas, se ele recusa, não renuncia. É também um homem que diz ‘sim’ Um escravo que recebeu ordens durante toda a sua vida, julga subitamente inaceitável um novo comando. O ‘não’ significa que as coisas já duram demais. *O Homem Revoltado*. Tradução de Valerie Runijaneck. Rio de Janeiro: Record, 1996. p. 25.